

O SETOR EXTERNO DA ECONOMIA BRASILEIRA NO PERÍODO PÓS-BONANÇA: FLUXOS FINANCEIROS E O IDE.

Camila Ap. P. Franco*, André M. Biancarelli.

Resumo

O desenvolvimento econômico não se dá de maneira única em todos os países do mundo, e não há evidências que todos os países atinjam um alto grau de desenvolvimento. O fluxo de capitais para economias emergentes depende mais de decisões tomadas nos países centrais, do que nos fundamentos do país receptor. O objetivo da presente pesquisa é avaliar o financiamento externo para o Brasil e em especial os fluxos de IDE (Investimento Direto Estrangeiro). Um dos resultados obtidos foi que apesar de o IDE ser a principal fonte de financiamento externo, boa parte tem se dirigido ao setor de serviços, que não tende a gerar divisas, podendo comprometer a Balança Comercial.

Palavras-chave:

Economia Brasileira, Setor Externo, Conta Financeira.

Introdução

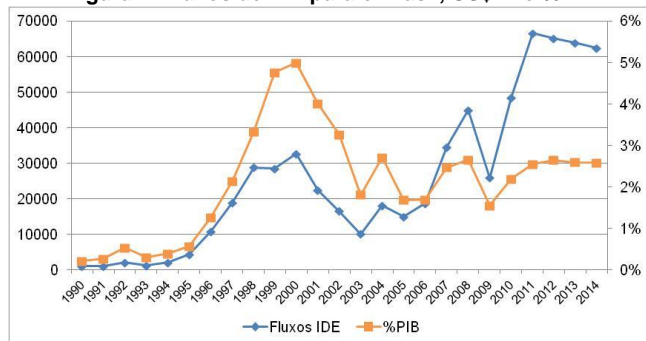
A maior relevância do IDE como fonte de financiamento externo em comparação com os outros capitais (investimento estrangeiro em carteira e outros investimentos) é devido à boa composição da Conta Financeira, pois é um investimento menos volátil. Em contrapartida, o IDE significa remessas de lucros e dividendos, o que pode comprometer a Conta Corrente brasileira se esses investimentos não estiverem gerando exportações.

O objetivo do presente trabalho é acompanhar a evolução do financiamento externo para o Brasil, avaliando mais especificamente as novas características e impactos do IDE nos últimos anos.

Resultados e Discussão

O IDE é a principal fonte de investimento estrangeiro no Brasil. Em 2009 seu fluxo sofreu um *sudden stop* devido à crise financeira americana, mas rapidamente se recuperou em 2010 e 2011 (Figura 1). Todavia, em porcentagem do PIB, apesar de haver uma recuperação, não chega a superar marcas anteriores como ocorre em valores absolutos.

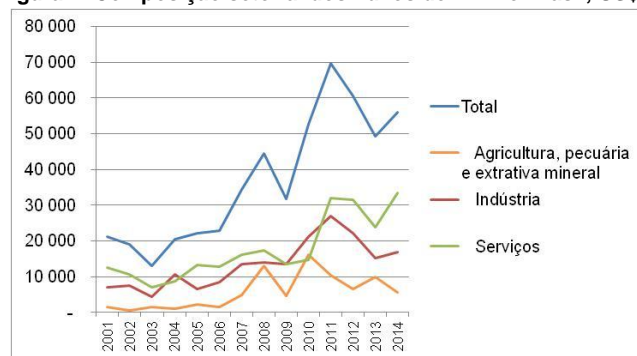
Figura 1: Fluxos de IDE para o Brasil, US\$mi e %PIB



Fonte: Banco Central do Brasil, séries especiais, BPM5. Elaboração própria.

Desde a abertura econômica na década de 1990, o setor que mais tem recebido investimento estrangeiro é o de serviços. Entretanto, por ser um setor mais voltado para a demanda interna e que não gera produtos exportáveis, esses investimentos não contribuem para uma melhora na Balança Comercial, podendo na verdade comprometê-la ainda mais com as remessas de lucro (Figura 2).

Figura 2: Composição setorial dos fluxos de IDE no Brasil, US\$mi



Fonte: Banco Central do Brasil, BPM5. Elaboração própria.

Cabe ressaltar que os dados utilizados ainda são da metodologia BPM5 devido à falta de atualização dos dados pela recente mudança para a metodologia BPM6. Além disso, a pesquisa foi interrompida aos seis meses por motivo de intercâmbio da aluna autora.

Conclusões

A classificação do Investimento Direto Estrangeiro por setor, tendo como principal destino o setor de serviços, enquanto o setor industrial não demonstra um crescimento sustentado, nos revela que esse IDE, apesar de contribuir para o Balanço de Pagamentos, pode trazer problemas futuros na Conta Corrente. O país tem que gerar divisas para as remessas de lucros e o aumento dos fluxos de IDE para o setor de agricultura, pecuária e extrativa mineral sugere que essa tem sido a fonte de tais divisas. O setor foi o único que apresentou crescimento nos últimos anos, apesar da recente queda, e é um setor com alto potencial de exportação.

Agradecimentos

Financiamento CNPq.

¹CAMARGO, L. do A. (2015) Investimento Direto Estrangeiro: efeitos sobre a Conta Corrente e sobre a dependência brasileira de exportações de commodities e bens primários. Monografia de graduação em Economia. Campinas: IE/Unicamp

²HIRATUKA, C. & SARTI, F. (2005) Globalização, Comércio Internacional e Desenvolvimento Industrial: notas sobre a inserção dos países em desenvolvimento da Ásia e da América Latina. Campinas: IE/Unicamp, mimeo.